

A POLISSEMIA NA LINGUAGEM NÃO VERBAL: NO CASO OS EMOJIS¹

Nilma de Jesus Feio Pinheiro

RESUMO: O estudo verificou a ocorrência da polissemia por meio de estímulos visuais, produzidos por emojis, os quais são utilizados frequentemente nas plataformas de interações virtuais como Facebook, Twitter, Menssagen e, em particular no Watsapp. Desse modo, evidenciou-se o deslocamento do fenômeno polissêmico da linguagem verbal, para a linguagem não verbal, com isso, intenciona-se gerar uma reflexão sobre o trabalho, a fim de oferecer uma nova perspectiva de abordagem do fenômeno polissêmico. Ademais, o trabalho embasou-se em revisões bibliográfica com destaque para os estudos de Duarte (2003), acrescidos de entrevista e questionário, elementos indispensáveis para o êxito da pesquisa. Portanto, os resultados demonstraram que de fato há polissemia na linguagem não verbal contrapondo estudos que particularizavam esse fenômeno como ocorrente apenas na linguagem verbal.

PALAVRAS CHAVE: Polissemia; linguagem não verbal; emoji.

Abstract: The study verified the occurrence of polysemy through visual stimuli, emojis searches, which are often done on interaction platforms such as Facebook, Twitter, Menssagen and, in particular, Watsapp. In this way, the displacement of the polysemic phenomenon from verbal language to non-verbal language is evidenced. In this way, the intention is to generate a reflection about the work, in order to offer a new perspective to approach the polysemic phenomenon. In addition, the work was based on bibliographical reviews with emphasis on studies by Duarte (2003), interview exercises and questionnaire, essential elements for the research exercise. Therefore, the results showed that the fact that there is a polysemy in the nonverbal language opposite was one of those that improved the phenomenon as occurring in verbal language.

KEY WORDS: Polysemy; nonverbal language; emoji.

INTRODUÇÃO

O referente trabalho consiste em discutir a linguagem não verbal e encontra-se atrelado a semântica pelo fato de mobilizar a polissemia. Um breve levantamento bibliográfico no que concerne ao fenômeno polissêmico, objetivou verificar a plausível presença de polissemia resultante de estímulos visuais, por meio de emojis, utilizados como forma de comunicação nas plataformas de interações virtuais. Com isso, os pictogramas, em particular os emojis, advindos das conversações do watsapp, tornam-se o objeto investigado

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem – FA CL da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Abaetetuba, para obtenção do Grau de Licenciado Pleno em Letras: Habilitação em Língua Portuguesa. Sob a orientação do Professor Doutor Alessandro Nobre Galvão.

com o propósito de responder o questionamento norteador da pesquisa, a qual, verifica a “ocorrência da polissemia na linguagem não verbal”.

Desse modo, frente a necessidade de uma abordagem genuína a respeito do fenômeno polissêmico, tornou-se necessário adentrar a literatura e verificar o que postulam os teóricos e seus comentadores ao que concerne a polissemia. Além disso, a relevância a se considerar no presente estudo diz respeito ao caráter inovador da perspectiva de se abordar e ampliar a polissemia do campo verbal para a modalidade não verbal, contribuindo, assim, para uma forma atual e dinâmica de se compreender os fenômenos linguísticos.

Para realização da pesquisa, a metodologia embasou-se nos referenciais teóricos e, também, em plataformas de interações virtuais. Assim, buscou interactantes que as utilizassem e estivessem dispostos a ceder as conversações como material de análise e identificação a partir do uso dos emojis.

Estudos apontam que a linguagem verbal² e linguagem não verbal³, se complementam para tornar compreensível e acessível a comunicação humana, compreendendo assim duas formas de expressão importantes e funcionais para o processo comunicativo.

Garcia discorre sobre tal fenômeno postulando que:

A linguagem – seja ela oral ou escrita, seja mímica ou semafórica- é um sistema de símbolos, signos ou signos-símbolos, voluntariamente produzidos e convencionalmente aceitos, mediante o qual o homem se comunica com seus semelhantes, expressando suas ideias, sentimentos ou desejos. (GARCIA, Othon M, 2015, p.175)

Garcia (2015) abarca em seu conceito de forma sintetizada, porém, bem definida, a grandeza de um sistema que carrega os avanços da vida em sociedade, tal fato passa a fazer sentido, ao passo que ela é exigida nos mais variados contextos de uso.

Para entendermos melhor o contexto do artigo apresentado é necessário que iniciemos com a semântica, pois, ela faz parte do universo que se ocupa em estudar as especificidades dos fenômenos linguísticos.

² Linguagem verbal é uso da escrita ou da fala como meio de comunicação.

³ Linguagem não-verbal é o uso de imagens, figuras, desenhos, símbolos, dança, tom de voz, postura corporal, pintura, música, mímica, escultura e gestos como meio de comunicação.

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Em Duarte, (2003 p.13), encontra-se o que ele chama de “a semântica nos primórdios” a seguinte passagem:

A semântica tem suas raízes na obra de Bréal, Ensaio de Semântica (1992); a obra consta de três partes: uma dedicada ao que ele chama de “as leis intelectuais da linguagem”, outra dedicada ao como “se fixou o sentido das palavras”, e, por fim, outra voltada, para “como se formou a sintaxe”.

As contribuições dos estudos de Bréal são apresentadas em Duarte (2003, p.14) o qual revela a base proposta em tais estudos, trata-se da Diacronia (descrição da língua ao longo da história e as mudanças sofridas), dentro desta base está o que a grosso modo poderíamos chamar de “caminho das pedras” para a linguagem, pois, lá já se alertava para alguns pontos que poderiam vir a prejudicar o estudo da língua, como o fato da “redução da linguística ao mero estudo das mudanças de vogais e consoantes ao longo do tempo” em sua concepção, “a linguagem é um instrumento de civilização. Nela não importa o caráter necessário das leis fonéticas, porque existe a ação da vontade humana”. (BRÉAL apud DUARTE, 2003)

Para Cansado, (2005, p.15) tal ciência se preocupa com “o estudo do significado das línguas”, ou seja, estuda o significado e a interpretação do significado de uma palavra, de um signo, de uma frase ou de uma expressão em um determinado contexto.

Já Amaral (2011), revela que “o enfoque diacrônico dos estudos de Bréal se deve ao fato de a existência da polissemia ser evidenciada pelas mudanças semânticas. Outra definição do universo semântico encontra-se em Marcondes (2005, p.9) onde cita que “a semântica diz respeito, portanto ao conteúdo significativo dos signos e à verdade das sentenças em que os signos estão incluídos”.

Ainda em Duarte, antes de partir para outros capítulos de seu estudo, ele ressalta que “dizer que a semântica é ciência do significado em pouco ajuda, simplesmente porque significado é, entre os muitos termos empregados em Linguística de caráter polissêmico”

POLISSEMIA

Ao tentar conceituar Polissemia valeu-se do conceito extraído de Silva (1996 p. 808) onde consta que, “no seu *Éssai de Sémantique* (1897:143-4), Michel Bréal “baptiza” o fenómeno de multiplicação da significação de uma palavra com o nome de polissemia (“*polysémie*”), e considera-o um “*signe de civilisaton*”.

Outra discriminação em Silva (1996), cita que “A polissemia é o fenómeno semântico segundo o qual um só significante se encontra unido a vários significados relacionados entre si-uma só palavra com mais de um significado”.

Garcia (2015) em período mais atual, discorre sobre tal capacidade das palavras em possuir vários significados postulando que:

A linguagem ideal seria aquela em que cada palavra (significante) designasse ou apontasse apenas uma coisa, correspondesse a uma só ideia ou conceito, tivesse um só sentido (significado). Como tal não ocorre em nenhuma língua as palavras são, por natureza, enganosas, porque polissêmicas e plurivalentes (GARCIA, Othon M, 2015, p.176).

Para melhor compreensão do que cita (Garcia, 2015), está a palavra "vela", tal palavra é um dos exemplos clássico de polissemia conhecido na linguagem verbal. Ela pode significar a *vela* de um barco; a *vela* feita de cera que serve para iluminar ou pode ser a conjugação do verbo *velar*, que significa estar vigilante. As diferentes variantes de significado podem depender da afinidade etimológica do vocábulo em causa, do seu uso metafórico, o que vai determinar o significado da palavra é o contexto ao qual ela será inserida, onde, na prática, o termo fica monossêmico, assegurando desta forma a comunicação.

A polissemia constitui uma propriedade básica das unidades léxicas e um elemento estrutural da linguagem. Observemos a passagem onde Amaral (2011, p.2), postula que:

“Para Bréal, diacronicamente, a polissemia é o resultado dos novos significados que as palavras adquirem no uso (através de processos como a extensão e a restrição de sentido, a metáfora e a metonímia) e os novos significados somam-se aos antigos”.

O oposto da polissemia é a monossemia, onde uma palavra assume só um significado, velaremos o assunto monossemia, pois, estamos interessados em compreender as relações entre um signo ter mais de um significado, fato este abarcado pelo fenômeno polissêmico.

Polissemia e homonímia

Para Amaral (2011):

“[...] a discussão entre polissemia e homonímia, são foco das atuais pesquisas”, segundo suas palavras “além da grande dificuldade de classificação das palavras que se enquadram em um ou em outro fenômeno, não é conhecida a finalidade, na prática, dessa diferenciação nem se ela existe em termos do armazenamento no léxico mental”.

O que vemos em algumas leituras sobre a diferença entre os dois fenômenos, é que quando a mesma palavra apresenta vários significados, estamos na presença da polissemia. A exemplo temos a palavra vela, mencionado acima e quando duas ou mais palavras com origens e significados distintos têm a mesma grafia e fonologia, estamos perante uma homonímia. A palavra "manga" é um caso de homonímia, ela pode significar uma fruta ou uma parte de uma roupa, ex. manga da camisa, manga da blusa.

Uma vez aferidas as contribuições dos estudos de Duarte (2003), Marcondes (2005), Cansado, (2005), Amaral (2011), Garcia, (2015), temos em Duarte (2003), uma contribuição significativa para nosso trabalho, seus estudos baseados em Bréal, nos levam a perceber, a visão aguçada do linguista ao enfatizar seu repúdio quanto a linguística se ocupar apenas “das mudanças de vogais e consoantes ao longo do tempo”, de certo já percebia toda a demanda que a língua daria aos futuros teóricos que ousassem estudá-la, pois, segundo as palavras de (Bréal apud Duarte), em sua concepção sociológica, já adiantava que as leis da fonética não se sustentam diante da “ação da vontade do homem”. Garcia (2015), por sua vez, idealiza a linguagem perfeita que seria “uma palavra (significante)⁴, um sentido (significado)⁵”, mas, sabe que isso não ocorre, pois, Bréal desmonta tal pensamento, advertindo sobre a “vontade do homem”, Cansado (2005) ao referir-se a semântica discorre que seu objetivo é “estudar o significado e a interpretação do significado em contextos”, já Marcondes (2005), segundo suas palavras, o foco semântico “é o conteúdo significativo dos signos”, para ele os signos

⁴ **Significante:** É o elemento tangível, perceptível, material do signo.

⁵ **Significado:** É o conceito, o ente abstrato do signo.

precisam se articular de forma correta dentro da sentença, pois, do contrário a sentença não fará sentido.

Por fim os estudos de Duarte (2011) enfatizam de certa forma, que Bréal teve olhar panorâmico sobre o significado, posto que ele amarra em seus estudos diacrônicos, a certeza de que o fenômeno polissêmico englobaria os novos significados que as palavras e os signos iriam adquirir, em função dos contextos aos quais estivessem inseridos e com isso se somariam aos já existentes.

Após aferidas as contribuições teóricas acerca da polissemia, é válido ressaltar que tal fenômeno situa-se dentro da linguagem verbal. Este trabalho vai fazer uma reinterpretação do conceito de polissemia propondo fazer um deslocamento teórico do campo da linguagem verbal para a linguagem não verbal, a proposta é pensar como esse conceito pode ser operacionalizável quanto a reflexão sobre a linguagem não verbal, pois, iremos tratar especificamente dos emojis, haja vista, que nosso trabalho se propõe investigar se há polissemia no que se refere ao uso dos mesmos, como vemos não é a palavra que vai variar e sim a imagem. Antes de apresentarmos os pictogramas, é válido ressaltar que o estudo em voga, vai reporta-se apenas aos emojis que são nosso objeto de trabalho, outro fato a ser salientado, diz respeito a iconicidade, característica que envolve os emojis, destaca-se que pela sua complexidade, discutiremos em momento oportuno.

Nos últimos anos vimos chegar atrelado a era tecnológica uma versão ousada por parte dos signos representativos, os pictogramas, tais elementos já são conhecidos da linguagem, mas, como a variação é algo constante neste universo, não seria diferente com os pictogramas, pois, as sociedades os farão variar a cada necessidade de comunicação.

PICTOGRAMAS

Moro (2016), cita que os pictogramas “são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação”. E com isso passam a ter “a capacidade de comunicar mensagens complexas”.

Já Campos, (1977), postula que “essa forma de diálogo, em muitos casos, pode quebrar obstáculos linguísticos entre diferentes culturas e níveis de conhecimento” e conceitua-os da seguinte forma:

Pictogramas são signos de comunicação visual, gráficos e sem valor fonético, de natureza icônica figurativa e de função sinalética. São autoexplicativos e apresentam como principais características: concisão gráfica, densidade semântica e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras linguísticas. (CAMPOS, 1977, p. 40)

De fato, ao reportar-se aos pictogramas citando que os mesmos são autoexplicativos (Campos,1977), fecha o pensamento exato que tais signos representam no meio comunicativo, usuários destes signos sabem bem, que ao enviar ou receber apenas um pictograma, não esqueçamos o contexto, o mesmo equivale a um texto contendo as emoções do usuário que não foi possível digitá-la, pois, por mais que a escrita tenha seus artefatos como os pontos de exclamação e interrogação, o primeiro busca enfatizar espanto, emoção, surpresa, admiração, indignação, raiva, susto, exaltação, entusiasmo, dentre outros e o segundo enfatiza dúvida, não estão à altura do que um signo visual é capaz de comunicar.

O pictograma e a cultura

Segundo o que postula Moro, (2016), “a cultura está intrinsecamente relacionada aos fatores históricos, aos meios em que o pictograma circula, à percepção e ao olhar”.

Cita ainda Moro, (2016) no que concerne aos pictogramas e a cultura que:

O pictograma compõe um conjunto de símbolos gráficos ligados a objetos, representações e conceitos. Sua manifestação pode ser encontrada desde a antiguidade pré-histórica. Possui também a função comunicativa de mediador de uma mensagem. A forma como receptores o percebem pode até ser diferente, mas, mesmo assim, a comunicação é estabelecida.

O papel assumido por esses “símbolos gráficos ligados a objetos, representações e conceitos” discorre Moro, que conforme o mencionado, são oriundos de um período arcaico, percebe-se então que os mesmos atravessaram a história e hoje se apresentam com outra roupagem, porém, sem perder suas funções que é a de “mediar a comunicação” hoje se apresentam com uma gama de representações, adequadas a cada esfera da sociedade, pois, já postulava Moro (2015) que:

“São as sociedades que consomem as pictografias, as produzem e, dentro de seus contextos, criam novos discursos e utilizam os processos tecnológicos e seus mecanismos dentro de todos os meios socioculturais em que nele se transformam”.

O que hoje vemos e temos a nosso dispor ao que concerne aos “pictogramas”, ressalto aqui somente o pictograma “emoji” envolvido no trabalho, pois, sabemos da multiplicidade que os envolve, é que apesar de sua presença contemporânea, muitos já sofreram algumas modificações e outros foram lançados justamente para acompanhar as exigências da linguagem.

Segundo Moro (2015), data de 1982 a chegada dos emoticons, consta que partiu de uma ideia para diferenciar o uso de *e-mails* sérios dos que continham alguma piada, e teve como precursor:

O professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon (Pittsburgh, EUA), para diferenciar o uso de *e-mails* sérios dos que continham alguma piada. O *e-mail* continha o seguinte conteúdo: “*Proponho a seguinte sequência de caracteres para os marcadores de piada: :-) Leia-o de lado.*” O *e-mail* acabou se espalhando para outras universidades e laboratórios e, em poucos meses, tornou-se um item bastante conhecido no meio acadêmico. Posteriormente, com o crescimento da internet, o *emoticon* foi adotado em *e-mails*, salas de bate-papo e comunicadores instantâneos, como ICQ, MSN⁴ e, em seguida, para a troca de mensagens em celulares.

Mais uma vez, o anseio pelo ato de comunicar avança e quebras as barreiras e molda-se à necessidade de seus usuários. Com a chegada do emoticon, palavra essa que no dicionário significa “a junção das palavras em inglês (*emotion* e *icon*)”, sendo que *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo de quem os utiliza, tem como função principal comunicar no meio eletrônico, expressando a intenção em formato gráfico inserido dentro de um contexto de texto escrito.

Diante dos fatos, encontra-se em Moro (2015) que a chegada dos “emojis”, ocorreu da seguinte forma:

Inicialmente, os *emoticons* possuíam apenas a representação do próprio texto, mas, com o tempo, os caracteres foram incorporando imagens gráficas em sua representação e se diversificando de várias maneiras.

Essas figuras são chamadas de *emojis*. A palavra surgiu derivada da junção de dois termos em japonês: “e” (que significa “imagem”) + “moji” (que significa “letra”). O nome foi dado pelo seu criador, Shigetaka Kurita, que, em 1995, decidiu incluí-los em *papers* da companhia que trabalhava, a NTT

DoComo, para atrair o público adolescente. Os *emojis* usam as formas dos *emoticons*, porém suas versões são em imagens gráficas.

A Revista Latino Americana de Enfermagem, (2000), divulgou a pesquisa de Albert Mehrabin pioneiro da linguagem corporal, onde mostrava que “na década de 1950, apurou que em toda comunicação interpessoal cerca de 7% da mensagem é verbal, (somente palavras), 38% é vocal incluindo tom de voz, inflexão e outros sons e 55% é não-verbal”.

O que vemos no exposto em relação a porcentagem de 55% exercida pela comunicação não verbal, nos faz refletir sobre o tanto que os emoticons (emojis) podem vir a representar no contexto whatsapp.

Jansen, (2012) insere os emoticons ao fenômeno polissêmico citando que “Os emoticons preenchem um espaço paralinguístico crucial nas interações virtuais: o espaço do conflito e dos mal-entendidos [...]”. De fato as interações virtuais praticadas com os emoticons promovem conflitos, posto o fato de que, no contexto de uso dos emoticons a palavra é substituída por uma linguagem não verbal, e esta linguagem não está sujeita à compreensão de todos os seus usuários, pois, sabemos que ela acontece, mas, o como ela acontece é complexo como quase tudo na linguagem.

Por mais que, em um primeiro momento os emoticons tenham sido pensados com o sentido fixo, observa-se como em qualquer manifestação da língua que o contexto define se de fato convergem para o sentido pensado. Encontra-se em Jansen (2012), que os emoticons “além de proporcionarem uma comunicação atrativa” são facilitadores de “uma maior compreensão de ironias e/ou de polissemias de nossa língua”. A hipótese é que possa existir de fato a polissemia quando o objeto da pesquisa é colocado em uso.

Portanto verificaremos por meio das conversas de whatsapp, se o fenômeno polissêmico, uma vez em uso, deslocado de sua modalidade verbal, para a não verbal permanece com suas características originais, uma vez que se encontra em (Bréal apud Duarte 2003) que “diacronicamente, a polissemia é o resultado dos novos significados que as palavras adquirem no uso” pensando nesses novos significados ora promovidos em tais conversas por emojis, é que a pesquisa busca sua resposta.

MÉTODOS

Para alcançar tal intento, fizemos um estudo bibliográfico concernente às referências identificadas como norteadoras deste estudo, somados a entrevistas, questionário e análise de dados. A construção do campo da pesquisa se deu em três etapas distintas: identificação das bases de dados, definição dos critérios de busca e análise dos dados levantados. Cada etapa foi realizada sequencialmente, como segue:

1- Identificação das bases de dados:

a. Inicialmente, buscou-se identificar bases de dados relevantes ao estudo, escolhendo sujeitos que utilizassem a plataforma virtual do whatsapp e estivessem dispostos a ceder as conversações.

2- Definição dos critérios de busca:

a. Buscou-se, inicialmente, o material para análise oriundos das conversações do grupo selecionado contendo os seguintes requisitos: cinco emojis e três interactantes nos turnos.

b. Ao identificar os emojis presentes nas conversas, elaborou-se o questionário que seria aplicado. Em seguida, para coleta dos dados, cada interactantes recebeu o questionário e uma folha impressa com as conversas.

c. A última etapa da coleta, os interactantes deveriam lembrar das conversas e responder o questionário, o qual, continha uma pergunta e cinco imagens.

d. Ademais, os questionários foram preenchidos manualmente por cada um, em dias alternados para não interferir nas respostas. Outra medida adotada foi informar aos interactantes que eles seriam nomeados por A, B e C, conservando assim suas identidades.

e. Posteriormente os dados foram selecionados para evidenciar aqueles que apresentam grande utilidade para pesquisa, ou seja, que contribuem para nosso objeto de estudo.

1-O que você quis significar com tais emojis neste contexto?



Fig.1



Fig. 2



Fig.3



Fig.4



Fig. 5

RESULTADOS

Respostas encontradas nos questionários de A, B e C.

Ocorrências de 🤔

Sequência 1



Interpretação de A

“Postei esse emoji somente por achar muito engraçado, me veio à cabeça, o que C ia pensar sobre o tal emoji, pois, sei que C vive confundindo os emojis”.

Interpretação de B

“Achei muita graça disso”

Interpretação de C

“Acho que é alguém pensativo e desconfiado”

Análise: Existe na sequência 1, um certo descompasso entre o entendimento semântico feito por A, B e C no que tange a utilização do emoji. A interpretação feita por A é de um emoji muito engraçado, já B interpreta segundo suas palavras pensando nas confusões de C a respeito de emojis e C responde na conversa que o interpreta como se fosse “alguém pensativo e desconfiado”. Apesar do ícone se mostrar sugestivo ao termo “pensativo” ainda assim não expressa o significado a ele proposto, pois, sua composição representa na tabela que: *Põe o que foi escrito em questão, avalia algo ou está arquitetando um plano genial.* Vemos no enunciado, a prática do que cita Jansen (2012) ao inserir os emoticons ao fenômeno polissêmico postulando que os mesmos [...] “preenchem um espaço paralinguístico crucial nas interações virtuais: o espaço do conflito e dos mal-entendidos”, concebendo assim interpretações errôneas, pois, veja que das três interpretações somente C se “aproximou” de seu real significado, posto que se trata de um ícone sugestivo a pensamentos.

Ocorrências de: 😂

Sequência 2



Interpretação de A

“Sei que a B está rindo muito, do equívoco de C”

Interpretação de B

“Não me aguentei, ri pra caramba, só de pensar que a C estava me acusando de algo que não falei em uma postagem que ela tinha feito”

Interpretação de C

“Acho que a B, tá tirando sarro da minha cara com essa risada, só por que me equivoquei a seu respeito”

Análise: A sequência 2, traz um emoji autoexplicativo, sua estrutura sugere que as possíveis interpretações perpassem por “muita risada”, tanto é, que A, B e C são unânimes em seus relatos. Considerando que o gesto de sorrir é reconhecido mundialmente, faz do emoji da sequência 2, uma imagem que contempla características monossêmicas, pelo fato de se constituir sugestiva a alguém que sorrir, seu significado na tabela é, *Carinha com lágrimas de alegria. Está tão alegre, que até chora lágrimas de felicidade. Está tendo um ataque de riso e mal consegue se controlar.* Tal fato nos permite dizer que o ícone nos remete ao fenômeno monossêmico, no qual “uma palavra assume um só significado”, porém só seria possível confirmar a ocorrência do fenômeno se de fato a proposta do trabalho for colocada em prática, lembrando que a mesma se refere ao deslocamento do fenômeno da linguagem verbal para o não verbal.

Ocorrência de:



Sequência 3



Interpretação de A

“Acho que a B manda beijos como forma de carinho para com C”

Interpretação de B

“Mande beijos, como forma de me desculpar com C pelas minhas risadas”

Interpretação de C

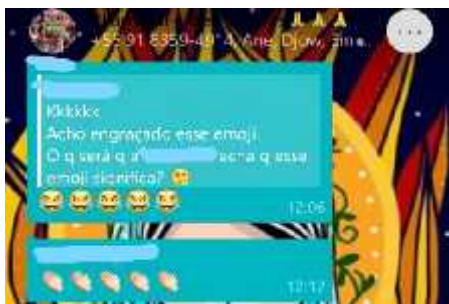
“Acho que a B quer me agradecer com esses beijos, depois de tirar sarro comigo”

Análise: A sequência 3 apresenta o emoji que manda beijo, conforme a tabela sua criação foi pensada para: “enviar um beijo repleto de amor vindo do coração. Pode estar querendo agradecer com um beijo”. Segundo os relatos de A, B e C o uso desse emoji, revela que ambos se utilizaram de tal emoji a começar pela interpretação de A, o qual relata que B manda beijos como forma de carinho para com C, B já usa como forma de pedido de desculpa, pois, riu por demais de algumas situações que C se envolveu no grupo e C acha que B envia beijos para agradecer por ter tirado sarro com a sua cara. Ao analisarmos o uso do emoji nos referidos turnos, veremos que perpassam por gestos de carinho, conduzindo assim a uma certa arbitrariedade, por não convergir ao sentido pensado.



Ocorrência de:

Sequência 4



Interpretação de A

“Sei que a B está batendo palmas por achar que minha postagem foi bacana”

Interpretação de B

“Coloquei palmas por achar boa a postagem de A, essas coisas alegram o grupo”

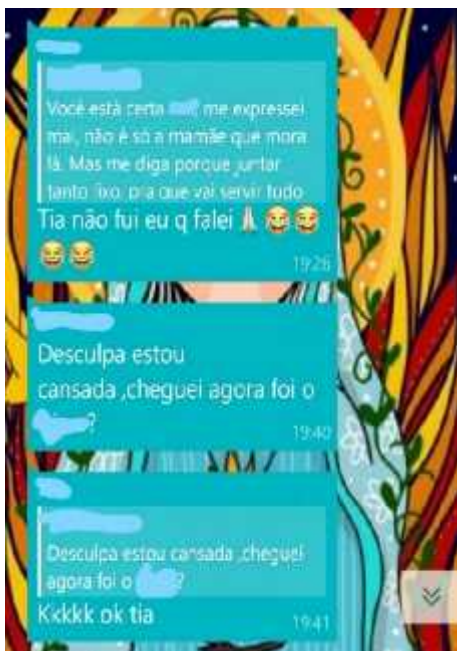
Interpretação de C

“Pra mim a B está batendo palmas como se tivesse dando parabéns para o A, por ter postado algo muito engraçado”

Análise: O observado na sequência 4, é que seus interactantes usam o emoji das mãos batendo palmas, com sentido de parabenizar por algo. Na tabela seu significado é, *“bravo, muito bem! Ele é utilizado principalmente para expressar aprovação. Uma sequência com vários emojis de mãos batendo palmas intensificam o aplauso.* Se partirmos do pressuposto que a imagem se autoexplica, faremos o pré-julgamento que sua representatividade de fato culmina em “parabenizar por algo”, no contexto os relatos apontam que o emoji foi utilizado no sentido de expressar “aprovação”, posto que , entre os relatos de A,B e C realmente apontam para tal, porém, vemos que a tabela aponta para outras interpretações. Partindo do que conhecemos acerca da linguagem verbal, a sequência em voga perpassa pelo que já citava (Bréal apud Duarte 2003) que “diacronicamente, a polissemia é o resultado dos novos significados que as palavras adquirem no uso (através de processos como a extensão e a restrição de sentido [...]”.

Ocorrências de 

Sequência 5



Interpretação de A


“B está pedindo pelo amor de Deus para C, não pensar que foi ela disse algo no grupo que aborreceu C”

Interpretação de B

“Estava jurando para C que não falei nada, em uma conversa que rolou no grupo”

Interpretação de C

“Pedi desculpas a B depois que ela jurou que não falou nada com respeito a uma conversa que rolou no grupo, reconheci que me equivoquei”

A sequência 5 registra o uso do emoji , segundo a interpretação de A, ao postar o emoji das mãozinhas, B está pedindo pelo amor de Deus a C, para não pensar que ela tinha dito alguma coisa no grupo. Já B, relata que fez uso de tal emoji, como se estivesse fazendo uma espécie de juramento a C explicando que não falou nada em uma conversa que rolou no grupo, C por sua vez entende que B ao fazer uso de tal emoji, estava jurando que realmente não falou nada em uma postagem de C, por isso C pede desculpas a B reconhecendo que se equivocou.

Análise: Como se observa, o emoji da sequência 5, tem seu significado na tabela como, *Pessoa orando com duas mãos cerradas. Acaba de voltar a si, faz uma prece ou almeja a iluminação. Também usado para “bate-aqui”, bem como “obrigado”*. Cabe salientar a respeito deste emoji, que culturalmente ele assume vários significados, Moro (2015) cita “São as sociedades que consomem as pictografias, as produzem e, dentro de seus contextos, criam novos discursos [...]”, alguns lugares como o Brasil, o referido emoji é utilizado com cunho religioso, nos Estados Unidos ele representa um gesto de saudação entre as pessoas. Conforme os relatos de A, observa-se que no turno o emoji foi usado com cunho religioso, em sua interpretação A relata que B usa o emoji pedindo pelo amor de Deus a C para não confundi-la, com relação a B, usou o emoji, expressando juramento e C interpreta o uso do emoji por B, com o mesmo sentido.

Portanto ressalta-se que uma vez contextualizados, os emojis, ressaltado no trabalho o emoji da sequência 2, por ter apresentado características monossêmicas, os outros se enquadram dentro do fenômeno polissêmico, pois, nos turnos aos quais estavam submetidos, apresentaram na prática o que (Bréal apud Duarte 2003) relata em seus estudos a respeito do fenômeno polissêmico, que “diacronicamente, a polissemia é o resultado dos novos significados que as palavras adquirem no uso”. Ressaltando que o trabalho foi pensado em

uma perspectiva de deslocamento do fenômeno polissêmico da linguagem verbal para a modalidade não verbal.

DISCUSSÕES

Desta forma, foi possível após leituras, analisar e chegar aos resultados e conclusões. Para garantir uma discussão dos dados associado ao que foi colhido por meio de questionários. É importante mostrar a tabela de emojis com suas características originais.

TABELA I: IDENTIFICAÇÃO NA TABELA DOS EMOJIS



Figura 1: Carinha pensativa. O smiley olha para cima e mantém a mão sobre o queixo. Põe o que foi escrito em questão, avalia algo ou está arquitetando um plano genial.



Figura 2. Carinha com lágrimas de alegria. Está tão alegre, que até chora lágrimas de felicidade. Está tendo um ataque de riso e mal consegue se controlar.



Figura 3. Carinha mandando um beijo. O smiley lhe envia um beijo repleto de amor vindo do coração. Pode estar querendo lhe agradecer com um beijo.



Figura 4. Pessoa orando com duas mãos cerradas. Acaba de voltar a si, faz uma prece ou almeja a iluminação. Também usado para “bate-aqui”, bem como “obrigado”.



Figura 5. Mãos batendo palmas. Bravo, muito bem! Esse emoji mostra duas mãos aplaudindo. Ele é utilizado principalmente para expressar aprovação. Uma sequência com vários emojis de mãos batendo palmas intensificam o aplauso.

Fonte: <https://www.emoticonsignificado.com.br/lista-emojis-pessoas-whatsapp>

CONCLUSÃO

Para recuperar os argumentos iniciais, partindo das discussões dos resultados é possível pensar na polissemia no não verbal, uma vez que, observou-se, como era esperado o fenômeno polissêmico presente nas conversas de whatsapp oriundas dos emojis. À partir desta constatação passa-se a observar que os estudos de (Breál apud Duarte 2003), confirma que “a polissemia é o resultado dos novos significados que as palavras adquirem no uso”. Por isso, não podemos negar que se trata da linguagem verbal, todavia torna-se possível comparar os significados apontados pela linguagem não verbal dos emojis, ao que ilustrou Breál em seus estudos. Sugere-se, então, que essa breve pesquisa não seja velada, pois, o que se conclui de fato ao nos referirmos aos emojis, uma vez contextualizado, não convergem para o sentido

pensado, resultando assim em polissemia na linguagem não verbal, ou seja, uma imagem vários significados. Portanto, o fenômeno polissêmico na linguagem não verbal contrapõe estudos que particularizavam esse fenômeno como ocorrente apenas na linguagem verbal.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Bruna Rodrigues do. **Polissemia: efeitos contextuais no acesso lexical**. Belo Horizonte Faculdade de Letras da UFMG 2011

CAMPOS, H. de (org). **Ideograma: lógica, poesia e linguagem**. São Paulo: Cultrix Edusp, 1977.

CANSADO, Marcia **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG 2005

JANSEN, Tiago <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/emoticon-criacao-despretensiosa-que-teve-sucesso-na-internet-4487061#ixzz5FtyfHpUS> < 21:00h 18/05/2018

<https://www.infoescola.com/comunicacao/linguagem-verbal-e-nao-verbal/>

MORO, G. H. **Pictograma e pictografia: objeto, representação e conceito**. Tese (Doutorado), UFPR, Curitiba, 2016.

OTHON, M. Garcia **Comunicação em prosa moderna**, Editora FGV 27ª edição RJ-2010.

POMPEU, Bruno e Silvio Koiti SATO **Iconoliteracia publicitária: a linguagem complexa dos emojis na propaganda brasileira**¹. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Revista Portuguesa de Filosofia

Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/4041945> 21/06/18 < 10:07 > Page Count: 15